

Fazer recordar os heróis do Jenipapo: história, memória e identidade em um monumento (1971-1973)

Cláudia Cristina da Silva Fontineles^I
Antonio Jeferson de Sousa^{II}

Resumo: O presente artigo tem por objetivo analisar a repercussão da construção do Monumento aos Heróis do Jenipapo, em 1973, no município piauiense de Campo Maior, e suas relações com a memória, história e identidade. Nosso recorte temporal tem início em 1971, quando o jornal *A Luta* publica a campanha em prol da construção do monumento, organizado pelos escritores Octacílio Eulálio e Antônio Andrade Filho. O recorte final é 1973, ano de construção do monumento e as disputas de memória feitas pelos escritos campomaiorenses no jornal *A Luta*. A obra arquitetônica significaria a valorização da Batalha do Jenipapo, mas também uma importante forma de promoção das ações do governo de Alberto Silva. Para isso, recorreremos à pesquisa bibliográfica, análise das reportagens do jornal *A Luta* e textos biográficos. Como arcabouço teórico-metodológico, foram importantes a interlocução com Choay, Pollak, Le Goff, Candau, Sirinelli, Fontineles, dentre outros.

Palavras-Chave: História; Memória; Identidade; Monumento aos Heróis do Jenipapo.

Remember Jenipapo's heroes: history, memory, and identity in a monument (1971-1973)

Abstract: This article aims to analyze the repercussion of the construction of Jenipapo's Heroes Monument, in 1973, in the Piauiense municipality of Campo Maior, and its relations with memory, history and identity. Our time frame begins in 1971, when the newspaper *A Luta* publishes the campaign for the monument construction, organized by the writers Octacílio Eulálio and Antônio Andrade Filho. The final frame is 1973, for understanding the year of the monument construction and the memory disputes involving the newspaper *A Luta* and the writers from Campo Maior. The architectonic work would mean the valorization of the Jenipapo Battle, but also an important way of promoting the actions of the Alberto Silva's government. For this, we used bibliographic research, analysis of the newspaper *A Luta* reports and biographical texts. As a theoretical-methodological framework, dialogue with Choay, Pollak, Le Goff, Candau, Sirinelli, Fontineles, among others, were important.

Keywords: History; Memory; Identity; Jenipapo's Heroes Monument.

FAZER RECORDAR OS HERÓIS DO JENIPAPO: HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE EM UM MONUMENTO (1971-1973)

CLÁUDIA CRISTINA DA SILVA FONTINELES

ANTONIO JEFERSON DE SOUSA

Introdução

O presente artigo tem por objetivo analisar a repercussão da construção do Monumento aos Heróis do Jenipapo, em 1973, no município de Campo Maior, e suas relações com a memória, história e identidade construída no Piauí acerca do monumento e do evento a que ele simboliza.

A Batalha do Jenipapo, ocorrida em 1823, durante o processo de independência do Brasil, foi abordada por escritores piauienses que evidenciavam sua importância histórica^{III}. Contudo, foi na década de 1970 que sua importância ganhou maior notoriedade, com as reivindicações da construção do Monumento aos Heróis do Jenipapo.

Nesse sentido, nosso recorte temporal tem início em 1971, quando o jornal *A Luta* publicou a campanha em prol da construção do monumento, organizado pelos escritores Octacílio Eulálio^{IV} e Antônio Andrade Filho^V. O recorte final é 1973, ano de construção do monumento e os conflitos envolvendo sua construção.

O monumento foi construído durante o governo de Alberto Silva, que privilegiava a construção de grandes obras, conferindo destaque ao estado do Piauí pela imponência de suas construções. Nesse contexto em estudo, a construção conferia importância à Batalha do Jenipapo para a História do Brasil e, principalmente, contribuiu para dar visibilidade às realizações do governador enquanto construtor da “autoestima piauiense”^{VI}.

Contudo, o grupo de escritores campomaiorenses requisitava o reconhecimento de sua atuação, sendo as páginas do jornal *A Luta* um espaço para esses debates. Nesse sentido, evidenciamos como esses intelectuais ressignificaram a Batalha do Jenipapo e como isso foi importante na construção da identidade campomaiorense enquanto “Berço dos Heróis”.

Para tal, recorreremos à pesquisa bibliográfica, análise de reportagens do jornal *A Luta*, relatos de memórias dos colaboradores do referido jornal e textos biográficos do livro *Geração Campo Maior*, escrito por Reginaldo Gonçalves de Lima^{VII}. Como arcabouço teórico-metodológico foram importantes a interlocução com Choay^{VIII}, Pollak^{IX}, Le Goff^X, Candau^{XI}, Fontineles^{XII}, dentre outros.

Batalha do Jenipapo entre a história, memória e identidade

A Batalha do Jenipapo, ocorrida em 1823, é comemorada no dia 13 de março, data em que é feriado no município de Campo Maior. Nas escolas e nos meios de comunicação, a data é sempre lembrada com uma programação especial, mostrando a importância do acontecimento no município, principalmente o heroísmo dos campomaiorenses ao lutar pela unidade nacional. Por essa razão, o município também é conhecido como o “Berço dos Heróis”.

As relações entre história, memória e identidade podem ser observadas na construção narrativa em torno da Batalha do Jenipapo. A Historiografia Piauiense aponta que historiadores destacavam a importância do conflito no contexto das lutas pela Independência. Iara Moura ressalta que “Sobre este assunto, observamos que na maioria dos relatos históricos existe muita exacerbação em relação a este episódio e a seus participantes, os quais são descritos como valentes e patrióticos heróis”^{XIII}.

A pesquisadora ainda destaca que a produção historiográfica, do final do século XIX até a metade do século XX, privilegiava os personagens de elite, que correspondiam a “figuras ilustres que se destacaram nas áreas militar, econômica, e administrativa do Estado do Piauí”^{XIV}. A autora também ressalta que as pesquisas de Pe. Chaves, Claudete Dias e Adrião

FAZER RECORDAR OS HERÓIS DO JENIPAPO: HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE EM UM MONUMENTO (1971-1973)

CLÁUDIA CRISTINA DA SILVA FONTINELES

ANTONIO JEFERSON DE SOUSA

Neto “[...] passaram a legitimizar o povo simples – vaqueiros e roceiros – como pontos de referência para a identidade piauiense”^{XV}.

A participação do povo simples na Batalha do Jenipapo ressoa com intensidade nos textos escritos sobre Campo Maior, tornando-se parte da identidade do município. No tópico “Aspectos gerais do município de Campo Maior”, do livro *Geração Campo Maior: anotações para uma enciclopédia*, o escritor Reginaldo Gonçalves de Lima destaca a importância da Batalha do Jenipapo para o município de Campo Maior e para estado do Piauí:

Na batalha do Jenipapo não houve vencedores e nem vencidos. Houve sim, heróis de um lado, os piauienses, e do outro, um exército poderoso, o de Fidié, destruído pela bravura e coragem de patriotas sem formação militar – em sua grande maioria vaqueiros e agricultores armados de foices, facões, chuços e velhas espingardas^{XVI}.

Na escrita de Reginaldo Miranda, a bravura e o patriotismo conferiam a marca das ações dos piauienses durante a Batalha. A narrativa em torno do heroísmo permaneceu a tônica central contida nos escritos sobre o conflito.

Assim, é importante salientar o papel desenvolvido pelos homens letrados na escrita sobre a Batalha do Jenipapo. Para tal, toma-se a produção escrita dos colaboradores do jornal *A Luta*, periódico que circulou na cidade de Campo Maior no recorte estudado. O jornal, durante as datas comemorativas da Batalha do Jenipapo, publicava textos de escritores, e as ações políticas em torno da proposta de construção do monumento, no local onde ocorreu a Batalha do Jenipapo.

Em 13 de março de 1971, foi publicada, na primeira página do jornal *A Luta*^{XVII}, a campanha promovida pelos escritores Otacílio Eulálio e Antônio Andrade Filho, este último conhecido como Irmão Turuka. Intitulada “Campanha deverá ser a Luta de todos”, visava sensibilizar a população para colaboração de ajuda financeira para a construção do monumento:

Otacílio Eulálio com Antônio Andrade Filho – O Irmão Turuka – encetaram um movimento meritório entre março e abril de 1970, no sentido de se construir o sonhado monumento alusivo ao grande ato de bravura de campomaiorenses no dia 13 de março de 1823. E em conta – de n.º 31.001 – foi aberta por Otacílio e Irmão Turuka no Banco do Brasil SA, agência de Campo Maior em nome do primeiro, pró construção do monumento aos heróis do Jenipapo. Ontem, a pedido de Otacílio Eulálio, o que fôra [sic] solicitado por nossa reportagem, um extrato da conta foi expedido pelo Banco do Brasil, que mostra a quantia de 192 cruzeiros, depositada até esta data. E quem toma ciência dêsse [sic] valor diz que ainda é muito pequeno, haja vista que a obra sonhada deve ser verdadeiramente monumental. A sua conta, porém, continua aberta, à espera dos que amam a sua terra e os seus heróis^{XVIII}.

Para mobilizar a população, o jornal dava destaque à bravura dos participantes da Batalha e destacava a declaração dos promotores da iniciativa, segundo os quais a obra deveria ser monumental. Isso mostra como a construção do monumento era importante para a sociedade campomaiorense. Jean Sirinelli, ao estudar as elites culturais, ressalta que “[...] muitos intelectuais se julgarão implicitamente habilitados a envolver-se na defesa de grandes causas, em nome da sua qualidade de peritos reconhecida no espelho social”^{XIX}.

Assim, podemos perceber que a atuação desses escritores ocorria tanto pela escrita, como também pela defesa de causas, como o caso da proposta de construção do monumento que, segundo a campanha, deveria ter o apoio de toda sociedade campomaiorense. Nota-se a relação entre memória e identidade, no momento em que a matéria chama a atenção para o apoio “dos que amam a sua terra e os seus heróis”. Segundo Michel Pollak, “[...] a memória é

FAZER RECORDAR OS HERÓIS DO JENIPAPO: HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE EM UM MONUMENTO (1971-1973)

CLÁUDIA CRISTINA DA SILVA FONTINELES

ANTONIO JEFERSON DE SOUSA

um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”^{XX}.

As publicações de textos sobre a Batalha do Jenipapo, principalmente durante as comemorações, indicam as maneiras de tentar preservar a memória e, principalmente, o seu relacionamento com a identidade campomaiorense. Segundo Joël Candau, “[...] todo aquele que recorda domestica o passado e, sobretudo, dele se apropria, incorpora e coloca sua marca em uma espécie de selo memorial que atua como significante da identidade”^{XXI}.

Dessa maneira, ao mesmo tempo que promoviam uma campanha para a construção do monumento, também buscavam, a partir da escrita, ressignificar a Batalha do Jenipapo, inscrevendo-se eles também nessa escrita, pois “certos escritores passam mesmo a ser, a este respeito, símbolos das expectativas ou das sensibilidades de uma época”^{XXII}.

As propostas para homenagear os Heróis do Jenipapo não tiveram início na década de 1970. Segundo a pesquisa de Francisco Assis Lima, já na década de 1920, Antônio Maria Eulálio Filho, na época em que foi conselheiro da Câmara Municipal, conseguiu aprovar decreto de lei que “[...] destinava recursos para a construção de um obelisco em homenagem aos mortos na Batalha do Jenipapo”^{XXIII}. Segundo o pesquisador, o obelisco foi inaugurado durante as comemorações do Centenário da Independência, no dia 7 de setembro de 1922^{XXIV}.

Na década de 1970, os escritores requisitavam um monumento que mostrasse a grandiosidade da Batalha do Jenipapo. Dessa forma, acreditava-se que, a partir de sua construção, a memória em torno do acontecimento poderia ser preservada e, principalmente, valorizada. Isso remete às imbricações do monumento à memória, por meio da afetividade, pois:

A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória. Não apenas ele a trabalha e a mobiliza pela mediação da afetividade, de forma que lembre o passado fazendo-o vibrar como se fosse presente. Mas esse passado invocado, convocado, de certa forma encantado, não é um passado qualquer: ele é localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, de forma direta, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar^{XXV}.

Nas fontes consultadas, fica perceptível a relação afetiva e familiar em torno da construção do Monumento aos Heróis do Jenipapo. Nos dados biográficos de Octacílio Eulálio, no livro *Geração Campo Maior*, o escritor é considerado como “[...] o mais pertinaz lutador para a construção do Monumento do Jenipapo, em homenagem aos heróis da independência do Piauí. Foi o iniciador do movimento pró-construção”^{XXVI}. Os relatos de memória sobre Octacílio Eulálio também demonstram a afetividade que o escritor manifestava ao explicar seu desejo em construir o monumento, uma vez que a memória em torno da Batalha do Jenipapo passou a fazer parte da própria vida pessoal do escritor. Ao rememorar suas vivências com Octacílio, Zeferino Alves Neto ressalta que:

Um dia Octacílio chegou mais alterado do que o normal. Narrou com toda a seriedade um sonho, quase pesadelo, que tivera na noite anterior. Sonhou que estava lutando na batalha do Jenipapo. Gritos de guerra, tiros, sangue e morte. Todo mundo sabia da verdadeira obsessão de Octacílio pela história da batalha do Jenipapo, onde inclusive haviam tombado antepassados seus. Turuka tentou de todo jeito interpretar o sonho do amigo do ponto de vista kardecista, ou seja, Octacílio tinha de fato lutado na batalha, encarnado num dos seus antepassados. Essa visão deixava Octacílio entre a cruz e a espada, literalmente. Por um lado, seria fascinante ter convicção de que lutara

FAZER RECORDAR OS HERÓIS DO JENIPAPO: HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE EM UM MONUMENTO (1971-1973)

CLÁUDIA CRISTINA DA SILVA FONTINELES

ANTONIO JEFERSON DE SOUSA

na batalha do Jenipapo. Por outro, a ortodoxia católica que professava não lhe permitia admitir a idéia [sic] de reencarnação. Resultado: os sonhos se tornaram recorrentes^{XXVII}.

Podemos inferir, por meio da análise das lembranças de Zeferino Neto, a relação afetiva e familiar mantida por Octacílio Eulálio ao evento tão aclamado, uma vez que seus antepassados haviam participado na Batalha do Jenipapo. A narrativa nos mostra que o escritor contemplava o acontecimento muito além das comemorações cívicas realizadas no dia 13 de março. À medida que Zeferino narra suas vivências com Octacílio Eulálio, principalmente dando destaque à importância da Batalha do Jenipapo na sua vida, ressalta as “heranças identitárias e das tradições”, pois:

As narrativas, tal qual os lugares da memória, são instrumentos importantes de preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições. Narrativas sob a forma de registros orais ou escritos são caracterizadas pelo movimento peculiar à arte de contar, de traduzir em palavras as reminiscências da memória e a consciência da memória no tempo^{XXVIII}.

O contexto da construção do Monumento, na década de 1970, durante o governo de Alberto Silva, suscitou as disputas de memória entre os aliados do governador que o consideravam o precursor na defesa da construção e os que defendiam o pioneirismo da atuação dos escritores locais nessa empreitada. O jornal *A Luta* veiculou alguns desses embates. Em várias matérias, buscava-se reconhecer a atuação dos letrados na proposta de construção do monumento, em especial, a atuação de Octacílio Eulálio.

A construção do Monumento aos Heróis do Jenipapo e disputas pela memória

A construção do Monumento aos Heróis do Jenipapo ocorreu na década de 1970, durante o governo de Alberto Silva. A escolha do local da construção – onde teria ocorrido o sepultamento dos combatentes da Batalha do Jenipapo^{XXIX} – pode ser visto pelo seu significado histórico, principalmente no sentido patriótico. Segundo afirma Maristela Rodrigues, o governo de Alberto Silva “[...] concentrou esforços para impulsionar o lado histórico-cultural piauiense, pois enxergava a possibilidade de beneficiar o estado e seu governo”^{XXX}. A autora ainda ressalta as comemorações cívicas realizadas durante o governo de Alberto Silva, ao qual “[...] criou-se a imagem de um povo heroico, com um passado de luta. As homenagens reclamavam a ação de cada brasileiro, deixando claro que deveriam se orgulhar e trabalhar pelo Brasil”^{XXXI}.

Em dezembro de 1971, o jornal *A Luta* noticiava a visita do arquiteto Raul Cisne e do jornalista A. Tito Filho^{XXXII} ao município de Campo Maior, para conhecer o local onde seria construído o monumento:

Estiveram a 13 dêste [sic] em Campo Maior o jornalista Tito Filho e o arquiteto mineiro Raul Cisne, responsável pela construção do estádio ‘Albertão’^{XXXIII}, visitando o cenário da Batalha do Jenipapo, com o auxílio do sr. Achilles Rocha. O arquiteto vai fazer o projeto de um monumento alusivo ao feito, para o que foi contratado pelo Governador Alberto Silva. No gabinete do Prefeito Jaime da Paz, o técnico Raul Cisne expressou sua grande impressão pelo local, segundo êle [sic] belíssimo para que se erga um monumento à altura, com museu, motel, pista e bosque, para boa atração turística. Por sua vez, disse o Prof. Tito Filho que o heróico [sic] episódio permanece, a quase 150 anos, infelizmente, ausente dos compêndios da história pátria, injustiça das maiores, acrescentando que foi uma batalha sangrenta e decisiva para a

FAZER RECORDAR OS HERÓIS DO JENIPAPO: HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE EM UM MONUMENTO (1971-1973)

CLÁUDIA CRISTINA DA SILVA FONTINELES

ANTONIO JEFERSON DE SOUSA

independência do Norte, que, não fôsse [sic] ela, permanecesse anos sob o jugo luso^{XXXIV}.

O primeiro objetivo seria a valorização turística, uma vez que, além do monumento, seriam construídos um museu, motel, pista e bosque. O segundo objetivo seria conferir importância à Batalha do Jenipapo no contexto da independência do Brasil, recorrendo, para tanto, às afirmações de A. Tito Filho, um prestigiado homem das letras no Piauí. A matéria salienta a relevância da Batalha para a consolidação da emancipação política do país, cuja importância era desconhecida devido à ausência de registros nos livros de História do Brasil.

Na presente pesquisa, consideramos o Monumento aos Heróis do Jenipapo como uma possibilidade para pensar a relação da sociedade com o passado e com o presente, sendo assim, encarado por nós como um documento, na perspectiva do que fora enunciado por Jacques Le Goff, para quem “o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder”^{XXXV}.

A construção do monumento se deu no contexto em que se valorizava a construção de grandes obras arquitetônicas, tanto no cenário nacional, quanto local. Na capital Teresina, durante o governo de Alberto Silva, foram construídas inúmeras obras, consideradas símbolos da modernização. Segundo a historiadora Cláudia Cristina da Silva Fontineles:

Quando, no Piauí, anseia-se por um projeto de desenvolvimento e de progresso, chancela-se esse projeto em um modelo que lhe dê sustentação e, mais que isso, que exija sua manifestação. É o que ocorre durante a década de 1970, cuja principal promessa é o desenvolvimentismo pautado nas gigantescas obras públicas que dessem visibilidade à atuação estatal junto à sociedade^{XXXVI}.

Nas fontes analisadas, a construção do Monumento aos Heróis do Jenipapo era tratada com bastante euforia, pois, enquanto uma obra gigantesca, garantia a valorização da Batalha do Jenipapo e também promoveria o turismo no município. O projeto arquitetônico do monumento foi feito pelo arquiteto mineiro Raul de Lagos Cirne, também responsável pela construção do Estádio Albertão^{XXXVII}. Nesse sentido, o monumento seria mais uma das obras modernas construídas pelo governador Alberto Silva, garantindo a imagem de um estado próspero^{XXXVIII}.

O jornal *A Luta*, em 1973, anunciava com entusiasmos a imagem do projeto do monumento (figura 1), dando-lhe destaque na primeira página.

FAZER RECORDAR OS HERÓIS DO JENIPAPO: HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE EM UM MONUMENTO (1971-1973)

CLÁUDIA CRISTINA DA SILVA FONTINELES

ANTONIO JEFERSON DE SOUSA

Imagem 1. Projeto do Monumento.



Fonte: UM SONHO que se tornará realidade: Eis o projeto do grandioso Monumento do “Jenipapo”. A *Luta*. Campo Maior, p. 1, 8 abr. 1972.

A matéria *Um sonho que se tornará realidade* evidencia que a inauguração do Monumento iria acontecer no dia 13 de março de 1973, nas comemorações dos 150 anos da Batalha do Jenipapo. Segundo a matéria, a inauguração teria a presença do presidente da República, Emílio Garrastazu Médici^{XXXIX}. Podemos notar que a construção do monumento estava integrada à programação das comemorações cívicas propostas pelo governo do estado. Como observa Maristela Rodrigues, “a afirmação de que o estado teve participação decisiva na história e na formação do Brasil, deveria despertar o orgulho nos piauienses”^{XL}. Nesse sentido, podemos compreender o monumento enquanto a tentativa perpetuação de uma memória, na perspectiva apresentada por Jacques Le Goff:

A palavra latina *monumentum* remete à raiz indo-européia *men*, que exprime uma das funções essenciais do espírito (*mens*), a memória (*memini*). O verbo *monere* significa “fazer recordar”, de onde “avisar”, “iluminar”, “instruir”. O *monumentum* é um sinal do passado. Atendendo às suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos^{XLI}.

Ao ser edificado, o monumento evocaria o patriotismo do povo piauiense, exaltando seus heróis, evitando o seu esquecimento. Até os dias atuais, a Batalha do Jenipapo confere a representação de Campo Maior como o “Berço dos Heróis”. Segundo François Choay, ao analisar a definição de monumento, assevera que:

A natureza afetiva do seu propósito é essencial: não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra, mas de tocar, pela emoção, uma memória viva. Nesse sentido primeiro, chamar-se-á monumento tudo o que for edificado por uma comunidade de

FAZER RECORDAR OS HERÓIS DO JENIPAPO: HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE EM UM MONUMENTO (1971-1973)

CLÁUDIA CRISTINA DA SILVA FONTINELES

ANTONIO JEFERSON DE SOUSA

indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças^{XLII}.

A inauguração do Monumento não ocorreu no dia 13 de março de 1973, como era esperado para as comemorações dos 150 anos da Batalha do Jenipapo. Segundo matéria do jornal *A Luta*, o governador Alberto Silva lamentava o atraso das obras devido a questões financeiras. Contudo, seriam realizadas as comemorações do sesquicentenário, no dia 13 de março daquele ano, com a presença do governador^{XLIII}.

Em janeiro de 1973, o jornal *A Luta* informava que a inauguração do Monumento aconteceria em setembro daquele ano. O atraso do início da obra era apontado como o principal motivo para o não cumprimento da promessa de inauguração no dia 13 de março. Por essa razão, foi prometida a inauguração para o dia 7 de setembro, que correspondia a outra data cívica muito relevante e conectada à data 13 de março, por ser o dia em que se comemora oficialmente em todo o país o dia da Independência do Brasil^{XLIV}. Nesse sentido, podemos entender que, ao associar o monumento às comemorações cívicas, buscavam criar perante a sociedade uma “grande exaltação patriótica”, como afirma o historiador José Murilo de Carvalho^{XLV}, ao analisar o governo do presidente Emílio Garrastazu Médici.^{XLVI}

As escolas também tiveram importante participação nos preparativos da solenidade de inauguração do monumento. Uma peça teatral estava sendo organizada e teria a participação de 500 alunos da rede estadual de ensino, conforme noticiava o jornal *A Luta* no dia 29 de outubro de 1973^{XLVII}. Nessa matéria, pode ser percebida a relação entre educação e comemorações cívicas em torno das inaugurações de obras do governo. Isso, por sua vez, não é uma novidade daquele período, pois, como observa o historiador José de Arimatéa Aguiar Júnior, ao analisar as festividades cívicas no Piauí, durante o Estado Novo, ressalta que elas “enalteciam os sentimentos cívicos, que eram muito valorizados pelos intelectuais e políticos nessas comemorações, com a intenção de impor uma imagem de sociedade harmônica e reprimindo tudo que ameaçava a ordem e o propósito patriótico”^{XLVIII}.

Em outubro de 1973, uma reportagem publicada no jornal *A Luta* questionava a data de inauguração do monumento, que foi anunciado para o dia 6 de novembro daquele ano. Argumentava-se que o governo tinha marcado as datas de solenidade inicialmente para o dia 13 de março. Data que foi alterada sucessivas vezes, para as datas 7 de setembro, para 19 de outubro, para 16 de novembro e para 15 de novembro^{XLIX}.

A edição do dia 6 de outubro de 1973 anunciava a inauguração do monumento, com a manchete *Todo Piauí vem presenciar a guerra simulada do Jenipapo*, destacando a participação de estudantes na peça teatral sobre a Batalha do Jenipapo e a presença “[...] das mais altas autoridades estaduais e municipais [...]”^L. É importante ressaltar que o jornal *A Luta*, na edição que anunciava a inauguração do Monumento aos Heróis do Jenipapo, possuía um equívoco na data, pois a inauguração ocorreu no dia 6 de novembro de 1973 e a edição foi datada sendo do dia 6 de outubro de 1973. Não encontramos informações sobre qual o motivo do problema, mas podemos inferir que ocorreu um contratempo na impressão do jornal. Todavia, a partir da análise das reportagens, encontramos a data correta.

Após a construção do Monumento Heróis do Jenipapo, houve conflitos envolvendo a defesa de uma memória que deveria ser reconhecida, no caso, sobre a atuação dos intelectuais que promoveram, nas páginas do jornal *A Luta*, a campanha em prol da construção do monumento:

O Monumento que hoje se inaugura é o coroamento de um esforço que data de alguns anos passados e que contou com a participação de muita gente que talvez hoje esteja esquecida neste momento de euforia. Há quatro anos, mais ou menos, surgiu na mente

FAZER RECORDAR OS HERÓIS DO JENIPAPO: HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE EM UM MONUMENTO (1971-1973)

CLÁUDIA CRISTINA DA SILVA FONTINELES

ANTONIO JEFERSON DE SOUSA

de um punhado de idealistas, a idéia [*sic*] da construção do monumento. De princípio foram considerados visionários e sonhadores. Com o tempo, porém, o esforço desses abnegados, obteve o apoio e a colaboração de outros e, finalmente, o interesse das autoridades. Entre esses denodados conterrâneos, citamos, entre outros, o nosso querido e saudoso Irmão Turuka, o Monsenhor Mateus, o jornalista Raimundo Antunes Ribeiro (Totó), a também saudosa escritora e mestra Marion Saraiva, para citarmos só estes^{LI}.

Segundo Michel Pollack, a memória é constituída por acontecimentos e pessoas^{LII}. Nesse sentido, podemos notar a ligação do acontecimento de inauguração do Monumento com os nomes dos escritores campomaiorenses.

Expôr homenagens aos jornalistas e escritores campomaiorenses na primeira página do noticioso, juntamente com a matéria sobre a inauguração do monumento, indica as maneiras de conferir importância a eles na construção da referida obra e no que ela significava para o município de Campo Maior, para o Piauí, e para o Brasil.

Segundo Jacy Seixas, “a memória é ativada visando, de alguma forma, ao controle do passado (e, portanto, do presente)”^{LIII}. Dessa maneira, entendemos a inauguração do Monumento aos Heróis do Jenipapo como o ativador da memória, utilizando textos escritos no jornal *A Luta* como uma forma de evitar o esquecimento. Conforme a pesquisadora Cláudia Cristina da Silva Fontineles:

Os sinais emitidos e conservados contribuem para compor os modos de durar de um indivíduo ou de um grupo. Daí a valorização atribuída aos vestígios, principalmente em sua dimensão material, que funciona como a conservação dos vestígios e suas maneiras de se inscrever na memória de uma época, agindo como a permanência daquilo que é passageiro^{LIV}.

Podemos perceber que a construção do Monumento aos heróis do Jenipapo foi idealizada como a possibilidade de preservar as lutas do povo piauiense que, com poucos recursos, lutou em prol da unidade nacional. Porém, o monumento ganhava novos significados, sendo que o governador Alberto Silva passou a figurar como o seu principal idealizador. Nesse sentido, os escritores campomaiorenses entendiam isso como o esquecimento de suas realizações, tendo em vista a campanha publicada no jornal *A Luta* em 1971. De acordo com Maristela Rodrigues:

Constata-se que o monumento em Campo Maior em homenagem aos heróis do Jenipapo é resguardado de intenções que não são meramente as de guardar a memória daquela batalha para a sociedade, mas nele identificar valores que atravessam o cenário político piauiense, ou seja, que há nesse investimento do governo do Estado um conjunto de interesses para que este monumento não rememore apenas a Batalha do Jenipapo, mas também o governo que se empenhou em construí-lo^{LV}.

Importante observar que, como outras obras realizadas pelo governador Alberto Silva, como o Estádio Albertão, suas intenções, enquanto um “engenheiro na política”^{LVI}, seria deixar nessas construções as marcas do seu governo. Segundo a historiadora Cláudia Cristina Fontineles, analisando o governo de Alberto Silva:

As ações governamentais erigidas ainda na década de 70 funcionaram como verdadeiros palácios de memória e geraram aplausos e reconhecimento social, tornando-se os alvos privilegiados durante as recitações em defesa de seu nome ou mesmo quando a ele voltava-se qualquer crítica. Suas obras integram quase todos os

FAZER RECORDAR OS HERÓIS DO JENIPAPO: HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE EM UM MONUMENTO (1971-1973)

CLÁUDIA CRISTINA DA SILVA FONTINELES

ANTONIO JEFERSON DE SOUSA

discursos em torno dos principais feitos administrativos já realizados no território piauiense^{LVII}.

No dia da inauguração do Monumento aos Heróis do Jenipapo, na primeira página do jornal *A Luta*, foi feita uma homenagem ao escritor Octacílio Eulálio. A razão da publicação do texto era mostrar a importância da atuação do escritor na campanha de construção do monumento:

Não podemos ficar indiferentes, porém, ao esforço que um campomaiorense, quase que sozinho, fez em favor da construção do Monumento aos Mortos do Jenipapo. Este campomaiorense chama-se Octacílio Eulálio e todos nesta cidade conhecem o entusiasmo com que este conterrâneo se entregou a esta campanha, quase que superando em desprendimento e patriotismo, os heróis que tombaram naquela batalha, pela independência da pátria. Inegavelmente, grande parte do mérito pelo que se pretendeu fazer com a construção do monumento deve-se à quase obsessão com que se entregou de corpo e alma o Octacílio à tarefa de concretização de seu sonho maior de patriota ardente. Rendemos aqui nossa sincera homenagem ao seu Ota^{LVIII}.

A campanha realizada por Octacílio Eulálio não se deu apenas no jornal *A Luta*. Segundo o depoimento de José Miranda Filho, Octacílio distribuía “[...] em praça, cópias de um artigo que redigiu em favor da causa”^{LIX}. Dessa maneira, os escritores que atuaram na defesa de construção do monumento deviam evitar beber da fonte do esquecimento, que, na mitologia grega, era chamado de rio Letes. Contudo, Mnemósine, a deusa da memória, seria o antídoto para o esquecimento. Segundo Jacques Le Goff, ao escrever sobre Mnemósine: “ela é o antídoto do Esquecimento. No inferno órfico, o morto deve evitar a fonte do esquecimento, não deve beber no Letes, mas, ao contrário, nutrir-se da fonte da Memória, que é uma fonte de imortalidade”^{LX}.

Nesse sentido, as páginas do jornal *A Luta* assumiam-se como uma possibilidade de evitar o esquecimento, que, a partir da escrita, buscava mostrar a importância dos escritores campomaiorenses. Por essa razão, o jornal *A Luta* também era homenageado, sendo reconhecido como participante da campanha de construção do monumento, conforme evidencia o texto *Nossa participação*:

Poderia parecer incoerente não escondermos que estivemos ao lado de todos aqueles que batalharam pela construção do Monumento e que a nossa ação em favor do que se conseguiu fazer foi decisiva, pra [sic] não dizer fundamental. E o fazemos aqui principalmente para lembrar aos que hoje se orgulham do Monumento que um jornal como o nosso, mesmo circulando com a precariedade que nós não desconhecemos, conseguiu de maneira palpável, transformar a idéia [sic] de um grupo de sonhadores na realidade do que se presencia^{LXI}.

Podemos observar as “lutas de representações”^{LXII}, nas quais o grupo a que pertencia o jornal buscava reivindicar sua participação como idealizadores do monumento. Nesse sentido, os textos publicados no jornal tornam-se um documento-monumento no sentido do que fora defendido pelo historiador Jacques Le Goff ao esclarecer que “resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias”^{LXIII}.

Ao fazer a cobertura jornalística acerca da construção e da inauguração do monumento, e relacionar isso ao envolvimento dos colaboradores do periódico, o jornal *A Luta* procura enfatizar sua própria participação nessa conquista e, dessa forma, tenta contribuir para inscrever a si e a seus integrantes nessa conquista e na história do Piauí.

FAZER RECORDAR OS HERÓIS DO JENIPAPO: HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE EM UM MONUMENTO (1971-1973)

CLÁUDIA CRISTINA DA SILVA FONTINELES

ANTONIO JEFERSON DE SOUSA

Considerações finais

Analisar a construção do Monumento aos Heróis do Jenipapo possibilitou entender a identidade campomaiorense, compreendida até os dias atuais como “O Berço dos Heróis”. Assim, podemos observar o contexto histórico em que se deu a valorização da Batalha do Jenipapo, enquanto importante acontecimento nas lutas pela unidade nacional, e como isso é ressignificado no recorte temporal estudado no presente texto.

O jornal *A Luta* foi um importante espaço de divulgação da campanha de construção do monumento promovido pelos escritores Octacílio Eulálio e Irmão Turuka. As páginas do jornal também se dedicaram a divulgar as ações do governador Alberto Silva e os preparativos das comemorações de inauguração do monumento. Nota-se também que o periódico tornava-se um importante espaço para as disputas de memória, no qual, após a inauguração do monumento, é possível notar a insatisfação com o esquecimento dos escritores campomaiorenses, principalmente de Octacílio Eulálio, o principal envolvido na campanha.

Por isso, as narrativas que compõem a construção do Monumento aos Heróis do Jenipapo possibilitam entender como história, memória e identidade se relacionam, revelando os desejos, anseios e conflitos de uma sociedade que ressignifica a Batalha do Jenipapo e cria novas lutas e novos heróis.

^I Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Bolsista em Produtividade Científica UFPI. Professora Associada do Departamento de História da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí e do Programa de Pós Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Piauí. E-mail: cfontinelles@gmail.com.

^{II} Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) E-mail: antoniojefersonsousa5@gmail.com.

^{III} CHAVES, Monsenhor. *Obra completa*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998; NEVES, Abdias. *A guerra do Fidié*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985; COSTA, Francisco Augusto Pereira da. *Cronologia histórica do Estado do Piauí*. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

^{IV} Octacílio Eulálio nasceu em Campo Maior no ano de 1914. Foi jornalista, poeta e comerciante, tesoureiro da Paróquia e do patrimônio da Matriz de Santo Antônio, no município de Campo Maior. Fundou o jornal *O Estímulo* e colaborava com o jornal *A Luta* e *O Tombador*. Cf.: LIMA, 1995, p. 253.

^V Antônio Andrade Filho nasceu em Campo Maior no ano de 1924. Fundador do Centro Espírita Caridade e Fé. Pertenceu à loja Maçônica Fraternidade Campomaiorense e à Liga de Radioamadores do Piauí. Escreveu textos memorialísticos no jornal *A Luta*. Cf.: LIMA, 1995, p. 219.

^{VI} FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. O cenário esportivo como arena de disputas políticas: entre a memória recitada e o apagamento de rastros. *Estudos Ibero-Americanos*, v. 43, p. 428-441, 2017. Disponível <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/24744/15650> Acesso 25 fev. 2021.

^{VII} LIMA, Reginaldo Gonçalves de. *Geração Campo Maior: anotações para uma enciclopédia*. Teresina-PI: Gráfica e editora Júnior Ltda, 1995.

^{VIII} CHOAY, Françoise. *A Alegoria do Patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade; Editora UNESP, 2017.

^{IX} POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n. 10, p.200-212, 1992.

^X LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 2003.

^{XI} CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2019.

^{XII} FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. *O recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí*. Teresina: EDUFPI, 2015.

FAZER RECORDAR OS HERÓIS DO JENIPAPO: HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE EM UM MONUMENTO (1971-1973)

CLÁUDIA CRISTINA DA SILVA FONTINELES

ANTONIO JEFERSON DE SOUSA

- ^{XIII} MOURA, Iara Conceição Guerra de Miranda Moura. A Batalha do Jenipapo e seus heróis: símbolos de uma piauiensidade. In: SILVA, Cleide Maria de Carvalho; SILVA, Márcio Douglas de Carvalho e; SILVA, Ronyere Ferreira da. (Org) *História, memória e práticas de ensino*. Teresina: EDUFPI, 2019, p. 49.
- ^{XIV} MOURA, 2019, op.cit., p. 50
- ^{XV} MOURA, 2019, op.cit., p. 53
- ^{XVI} LIMA, Reginaldo Gonçalves de. *Geração Campo Maior: anotações para uma enciclopédia*. Teresina-PI: Gráfica e editora Júnior Ltda, 1995, p. 31.
- ^{XVII} Preservamos, na presente pesquisa, a ortografia original dos textos do jornal *A Luta*.
- ^{XVIII} CAMPANHA...*A Luta*, 13 mar. 1971, p. 1
- ^{XIX} SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In RIOUX, Jean-Pierre SIRINELLI; Jean-François (Org.) *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998, p. 263.
- ^{XX} POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n. 10, p.200-212, 1992. p. 204
- ^{XXI} CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2019, p. 74.
- ^{XXII} SIRINELLI, op.cit., 1998, p. 267
- ^{XXIII} LIMA, Francisco de Assis. *A Batalha: O reconhecimento*. Campo Maior: Edição do autor, 2009, p. 57.
- ^{XXIV} LIMA, op.cit., 2009, p. 57
- ^{XXV} CHOAY, Françoise. *A Alegoria do Patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade; Editora UNESP, 2017, p. 18.
- ^{XXVI} LIMA, op.cit., 1995, p. 253.
- ^{XXVII} ALVES NETO *apud* LIMA, 2009, p. 121.
- ^{XXVIII} DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. *Revista da Associação Brasileira de História Oral*, n. 6, p. 9-25, 2003. p. 21-22.
- ^{XXIX} CHAVES, op.cit., 1998; NEVES, op.cit., 1985; COSTA, op.cit., 1974.
- ^{XXX} RODRIGUES, Maristella Muniz. *Entre comemorações cívicas e lutas pela construção da memória: a política cultural do governo Alberto Silva*. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018. p. 99.
- ^{XXXI} RODRIGUES, op.cit., 2018, p. 101.
- ^{XXXII} José de Arimathea Tito Filho nasceu no município de Barras, estado do Piauí, no ano de 1924. Atuou como jornalista nos jornais da cidade de Teresina e foi presidente da Associação Profissional dos Jornalistas do Piauí e presidente da Academia Piauiense de Letras. Também atuou como professor em escolas e faculdade na cidade de Teresina. Publicou livros, dentre eles, “Teresina, meu amor”, “Praça Aquibadã, sem número”, “Sermões aos Peixes”, dentre outros.
- ^{XXXIII} Cf.: FONTINELES, 2017.
- ^{XXXIV} ISTO é alvissareiro. *A Luta*, 18 dez. 1971, p. 1.
- ^{XXXV} LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 2003, p. 535-536.
- ^{XXXVI} FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. *O recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí*. Teresina: EDUFPI, 2015, p. 214.
- ^{XXXVII} COSTA, Alcilia Afonso de Albuquerque. Arquitetura brutalista do Piauí nos anos 1970. *Vitruvius*, ano 15, dezembro. 2014. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/arquitextos/15.174/5367> Acesso em: 20 dezembro de 2020.
- ^{XXXVIII} FONTINELES, op.cit., 2017.
- ^{XXXIX} UM SONHO... *A Luta*, 8 abr. 1972, p. 1
- ^{XL} RODRIGUES, op.cit., 2018, p. 111.
- ^{XLI} LE GOFF, op.cit., 2003, p. 526
- ^{XLII} CHOAY, op.cit., 2017, p. 18.
- ^{XLIII} ALBERTO... *A Luta*, 18 fev. 1973, p. 1.
- ^{XLIV} SERÁ... *A Luta*, 7 jan. 1973, p. 1.
- ^{XLV} CARVALHO, José Murilo de Carvalho. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 168.
- ^{XLVI} O país vivia sobre uma ditadura militar com forte caráter repressor, mas que procurava legitimar-se por meio do patriotismo ufano. Cf.: KUSHNIR, 2001; FONTINELES, 2015; FICO, 2012.
- ^{XLVII} ESTUDANTES... *A Luta*, 29 out. 1973, p. 1.
- ^{XLVIII} AGUIAR JUNIOR, José de Arimathea Freitas. *Festas, hinos e marchas: constituição do patriotismo e o serviço militar no Piauí (1935-1945)*. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014, p. 37.

FAZER RECORDAR OS HERÓIS DO JENIPAPO: HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE EM UM MONUMENTO (1971-1973)

CLÁUDIA CRISTINA DA SILVA FONTINELES

ANTONIO JEFERSON DE SOUSA

XLIX INAUGURAÇÃO... *A Luta*, 29 out. 1973, p. 1.

L TODO... *A Luta*, 6 out. [nov.]. 1973, p. 1.

LI A LUTA... *A Luta*, 6 out [nov.]. 1973, p. 1.

LII POLLAK, op.cit., 1992, p. 201.

LIII SEIXAS, Jacy Alves. Percursos de memória em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001, p. 42.

LIV FONTINELES, op.cit., 2015, p. 53.

LV RODRIGUES, op.cit., 2018, p. 135.

LVI FONTINELES, op.cit., 2015.

LVII FONTINELES, op.cit., 2015, p. 153.

LVIII OCTACÍLIO... *A Luta*, 6 out. [nov.] 1973, p. 1.

LIX MIRANDA FILHO *apud* LIMA, 2009, p. 118.

LX LE GOFF, op.cit., 2003, p. 434.

LXI NOSSA... *A Luta*, 6 out [nov.]. 1973, p. 1.

LXII CHARTIER, Roger. *A história Cultural: entre práticas e representações*. Algés: Difel, 2002, p. 17.

LXIII LE GOFF, op.cit., 2003, p. 538.

Referências Bibliográficas

A LUTA pelo Monumento. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 6 out. [nov.] 1973.

AGUIAR JUNIOR, José de Arimatéa Freitas. *Festas, hinos e marchas: constituição do patriotismo e o serviço militar no Piauí (1935-1945)*. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.

ALBERTO vem dia 13 de março e promete inaugurar monumento este ano. *A Luta*, Campo Maior, p.1, 18 fev. 1973.

CAMPANHA deverá ser a Luta de todos. *A Luta*, Campo Maior, p.1, 13 de mar. 1971.

CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2019.

CARVALHO, José Murilo de Carvalho. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CHARTIER, Roger. *A história Cultural: entre práticas e representações*. Algés: Difel, 2002.

CHAVES, Monsenhor. *Obra completa*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

CHOAY, Françoise. *A Alegoria do Patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade; Editora UNESP, 2017.

COSTA, Alcilia Afonso de Albuquerque. Arquitetura brutalista do Piauí nos anos 1970. *Vitruvius*, ano 15, dezembro. 2014. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/arquitextos/15.174/5367> Acesso em: 20 dezembro de 2020.

COSTA, Francisco Augusto Pereira da. *Cronologia histórica do Estado do Piauí*. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. *Revista da Associação Brasileira de História Oral*, n. 6, p. 9-25, 2003. Disponível em: <https://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/62> Acesso em: 20 de janeiro de 2021

ESTUDANTES encenarão a Batalha do Jenipapo. *A Luta*, Campo Maior, p.1, 29 out. 1973.

FICO, Carlos. Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Orgs). *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura- regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

FAZER RECORDAR OS HERÓIS DO JENIPAPO: HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE EM UM MONUMENTO (1971-1973)

CLÁUDIA CRISTINA DA SILVA FONTINELES

ANTONIO JEFERSON DE SOUSA

FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. O cenário esportivo como arena de disputas políticas: entre a memória recitada e o apagamento de rastros. *Estudos Ibero-Americanos*, v. 43, p. 428-441, 2017. Disponível <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/24744/15650> Acesso 25 fev. 2021.

_____. *O recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí*. Teresina: EDUFPI, 2015.

INAUGURAÇÃO **no** dia 6? *A Luta*, Campo Maior, p.1, 29 out. 1973.

ISTO é alvissareiro: visitaram o Jenipapo arquiteto e Tito Filho. *A Luta*, Campo Maior, p.1, 18 dez. 1971.

KUSHNIR, Beatriz. *Cães de guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988*. 2001. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 2003.

LIMA, Francisco de Assis. *A Batalha: O reconhecimento*. Campo Maior: Edição do autor, 2009.

LIMA, Reginaldo Gonçalves de. *Geração Campo Maior: anotações para uma enciclopédia*. Teresina-PI: Gráfica e editora Júnior Ltda, 1995.

MOURA, Iara Conceição Guerra de Miranda Moura. A Batalha do Jenipapo e seus heróis: símbolos de uma piauiensidade. In: SILVA, Cleide Maria de Carvalho; SILVA, Márcio Douglas de Carvalho e; SILVA, Ronyere Ferreira da. (Org) *História, memória e práticas de ensino*. Teresina:EDUFPI, 2019.

NEVES, Abdias. *A guerra do Fidié*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985.

NOSSA participação. *A Luta*, Campo Maior, p.1, 6 out [nov.]. 1973.

OCTÁCILIO Eulálio. *A Luta*, Campo Maior, p.1, 6 out. [nov.].1973.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n. 10, p.200-212, 1992.

RODRIGUES, Maristella Muniz. *Entre comemorações cívicas e lutas pela construção da memória: a política cultural do governo Alberto Silva*. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.

SEIXAS, Jacy Alves. Percursos de memória em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

SERÁ em setembro a inauguração do monumento. *A Luta*, Campo Maior, p.1, 7 jan. 1973.

SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In RIOUX, Jean-Pierre SIRINELLI; Jean-François (Org.) *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998.

TODO o Piauí vem presenciar a guerra simulada do Jenipapo. *A Luta*, Campo Maior, p.1, 6 out [nov.]. 1973.

UM SONHO que se tornará realidade: Eis o projeto do grandioso Monumento do “Jenipapo”. *A Luta*, Campo Maior, p.1, 8 abr. 1972.